

Autor: Franklin MAXADO Nordeste

DEBATE DE LAMPIÃO COM UMA TURISTA AMERICANA



Leia e coleccione CORDEL, a
Literatura de nossas raízes.

Rua Augusta, 1.524 - loja 06
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

DEBATE DE LAMPIÃO COM
UMA TURISTA AMERICANA
OU O MACHÃO E A FEMINISTA
Autor: Franklin MAXADO Nordestino

Outro dia, uma americana
Visitou nosso Nordeste
Se meteu por Pernambuco
Pesquisando pelo Agreste
A terra de Lampião
Do brasileiro machão
E de seus cabras da peste

Ela era uma tal
De Bete Fride chamada
Foi ali como turista
Na região visitada
Teve lá por Petrolina
Viu a mulher feminina
Numa cidade afamada

Quando estava em excursão
Visitou o seu Museu
Doutrinava outras pessoas
Com o seu princípio ateu
Aí baixou uma alma
Sem precisar bater palma
No médium que era Romeu

Romeu era guia turístico
Um caboclo bem franzino
Mas estufou logo os peitos
Como um rapaz malino
Recebendo esse espírito
Que não era um onírico
Mas orgulhoso nordestino

Deu logo uns dois esporros
E disse: aqui eu mando
E quem não me aceitar
Que vá logo se mandando
Porque cabras me obedecem
Os que não querem, que desertem
Senão então vou capando

Bete Fride protestou
Gritando que era "impossibou"
Mas o médium deu um grito
Que a todos arrupiu:
-Sou capitão Lampião
E não temo sapatão
Não devo nenhum favqr

Aí a gringa ianque
Se calou pra não apanhar
Viu que a parada era
Tesa e dura de lascar
Preferiu calar a boca
Parecendo que era moca
E ficou só a escutar

Lampião então tomou
A palavra no momento
Começou o seu discurso
Sem nenhum acanhamento
Todos estavam com medo
Esperando pelo enredo
Daquele seu pensamento

-Essa coisa de feminismo
É arte de mulê feia
Que não arranja home macho
Para lhe meter a peia
Assim pega outra mulê
E então faz o que quer
Com uma doutrina alheia

-Comigo é que essas machona
Não tem escolha ou vez
Tem de fazer o que mando
Senão eu ferro na tez
Não quero cabelo curto
Cortado no cucuruto
Minissaia ou trajes gueis

-Não quero tanga ou maiôs
E nem calça apertada
Muita pintura na cara
Ou a blusa decotada
Eu só quero a mulê feme
Que a nenhum macho teme
Para ficar saciada

-Mulê para mim é como
A minha Maria Bonita
Que consegue de mim, tudo
Sem precisar fazer grita
Como as feias exigentes
Que parecem insolentes
Ou soldado na gurita

-Maria Bonita consegue
De mim tudo o que quer
Com carinho e com agrado
E sabendo ser mulê
Agora, não vem com grito
Porque senão mato e frito
E como de faca e colher

-A mulê que é mulê
Arranja tudo no macio
Da cama, com o seu macho
Sem precisar dar um pio
Domina, sem reivindicar
Sugestiona sem gritar
Buta fogo no pavio

-Não vem com as exigença
Como gringa americana
Dizendo não precisar
De um home bem bacana
Como se fosse a maior
E dos seres, o melhor
Que a natureza profana

-Essa onda tá chegando
Ao Brasil, com a tevê
Está acabando a família
E de todo pai, o poder
Nos tornando uma Gomorra
Um grande bordel da porra
É o Brasil que se vê

-Se continuar assim
Eu mando tudo pra zona
Canalizar a cachaça
Acabar com as machona
Escolher as mulês boas
Butar as feias nas canoas
E não deixar virem à tona

-Não deixar uma cafona
Ficar sem uma enxada
Mandar todas trabalhar
Deixar a roça plantada
Acabar com o femininismo
E com todo consumismo
Negoços que não dão nada

-Pois a mulê descarada
Comigo é no cacete
Com o Cão me garantindo
Buto tudo no porrete
E quem não quiser entrar
Eu vou butar pra lascar
Pois este é meu cacoete

Bete Fride ouvindo isso
Deu uma de macho bruto
Gritou-lhe que os direitos
Da mulher não é sô luto
Não é coisa de viúvas
Não é sô ter belas curvas
Mas direito resoluto

-O mister é um ignorante
É um porco chauvinista
Que não entende de gente
Quanto mais de feminista
É um dos machões antigos
Que da mulher são inimigos
Não sabe fazer conquista

-Se sou porco, tu é porca
E dessas brancas baê
Que dā um toucinho rançoso
Me arrespeite, sua mulê
Que não sei se é um macho
E não quero olhar embaixo
Pois desconfio que não é

Aí, Lampião zangou-se
Esbravejou arretado
Tirou logo o currião
E ficou bem transtornado
Agarrou a Bete Fride
E deu uma de Cisco Kide
Quando estava afrontado

Disse que bater em fêmea
É feio, porém que era
Bem pior apanhar dela
E aquela era uma fera
Como cobra venenosa
Como tirana orgulhosa
Que parecia megera

E mandou o couro adentro
A gringa então gritava:
-Oh! mai dârlin, underful
(E quanto mais apanhava):
-Vêri gude, vêri mâtixe
Sânquio, iou me dide xeque-mate
Não sabia o que falava

-Agora, eu achei mai men
Vou largar de andar gritando
Por estrites dos Esteites
E sutians ir tirando
Te aceito até com mil
Outras fêmeas do Brreizil
Não vou ficar protestando

-Eu vou é para a cozinha
Assar a sua carninha
Fazer seu pirão de leite
Junto a uma gordurinha
Vou ser é dona de casa
Nunca mais eu quero asa
Para falar dessa rinha

-Aprendi bem a lesson
Lugar de uoman é na cama
Na guitichen e na copa
E não procurar a fama
Saber muito ser mulher
Não ficar como uma qualquer
Na solterice da disgrama

Depois dessa conversão
Lampião deu um muxoxo
Recolocou o cinturão
Na cintura e deu arrocho
Saudou a todos presentes
Sorriu assim entre os dentes
Baixou a cabeça, mocho

Antes de pedir licença
Para subir pro astral
Lampião deu um aviso:
-A mulê que não for legal
Ou que não tumar juízo
Eu volto se for preciso
Fazendo outro falapau

E após aquele escândalo
A alma de Lampião
Retirou-se do seu guia
Todos fizeram oração
Bete Fride até rezou
Romeu a si retornou
Não teve mais falação

F.- alação quem deu foi eu
M - axado, o poeta forte
A - chando que Lampião
X - uxa como lá no Norte
A - caso os tempos mudaram
D - uma noite que inventaram
O - s costumes desse porte

São Paulo-SP., outubro de 1981.

2867

"ÚLTIMO PAU-DE-ARARA"



Ficamos consternados com a morte do mestre Marcos Cavalcante de Albuquerque, ocorrida em setembro de 1981.

Venâncio (como era conhecido) era pernambucano, compositor, folclorista e poeta de cordel, residente há tempos em São Paulo, onde fundou a ARPOFOB - Associação dos Repentistas, Poetas e Folcloristas do Brasil.

Uma grande perda para os nordestinos, principalmente para os residentes na Paulicéia.